

## MEMÓRIA DA FÉ PELA DEVOÇÃO À VIRGEM DE NAZARÉ

Ildimar Viana ASSUNÇÃO\*  
Aracy ERNST-PEREIRA\*\*

*ABSTRACT: This article aims to interpret the speech “In Mary, the Word became flesh”, using the French Discourse Analysis. The purpose is to understand the relationship between the “already- said” by the Catholic Church in order to value the image of Mary, constituting the subjects by language through faith and devotion, considering the materiality of language and the ideological interpellation. The analysis brings a theoretical dispositive of interpretation and an analytic dispositive, as well as a description of the religious celebration known as “Círio de Nazaré”, social religious fact, structured to maintain and gather catholic followers. The article studies the official poster of the event which is largely used by the press in order to analyze the speech that will orient all the other speeches related to the religious event.*

*KEYWORDS: religious discourse, Catholic Church, círio, faith, devotion.*

### Introdução

Uma das perspectivas para compreender a língua em funcionamento é a da Análise do Discurso (AD), ciência interpretativa de objetos simbólicos que tem como constituição epistemológica a articulação entre os estudos da linguística, do marxismo e da psicanálise.

A análise proposta comporta um dispositivo teórico de interpretação e um dispositivo analítico, fundados nessa episteme, com vistas à descrição e à interpretação do enunciado do Discurso Religioso Católico (DRC) “Em Maria, a palavra se fez carne”, ligado ao acontecimento “Círio de Nossa Senhora de Nazaré”, espetáculo de epifania, aqui considerado fato de discurso.

O objetivo é interpretar os possíveis efeitos de sentido aí inscritos, produzidos pela ação da memória discursiva, que constitui historicamente os discursos religiosos atuais. Essa memória diz respeito aos enunciados de DRC que interpelam os sujeitos pela fé e devoção, buscando manter uma estabilização parafrástica ou uma “regularização”, na acepção de Achard (1999), a partir da estruturação da materialidade discursiva.

### 1. Noções básicas de Análise do Discurso

As ciências, independentemente de sua natureza, formalista ou não formalista, têm, em suas raízes, marcas dinâmicas que definem a construção de seu arcabouço teórico e a formação de seu aparato metodológico. A AD, enquanto ciência da linguagem em funcionamento, não fica ao largo dessa questão, constituindo-se, entretanto, a partir de algo que lhe é específico: a construção de um espaço de relação entre campos de saber diferenciados - a linguística e as ciências sociais -, provocando deslocamentos na prática científica positivista.

---

\* Universidade Católica de Pelotas (UCPEL).

\*\* Universidade Católica de Pelotas (UCPEL).

Esses deslocamentos provocam consequências na forma de abordar o discurso. É ele concebido como efeito ideológico, como objeto sócio-histórico, como lugar onde são produzidos os sentidos e identificados os sujeitos. Assim,

o discurso deve ser tomado como um conceito que não se confunde nem com o discurso empírico sustentado por um sujeito nem com o texto, um conceito que estoura qualquer concepção comunicacional da linguagem (MALDIDIER, 2003, p. 21).

Com base nos estudos de Michel Pêcheux, pode-se dizer que abordar um texto discursivamente significa provocar uma ruptura epistemológica, deslocando-o para um lugar teórico em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. Nessa perspectiva de abordagem do discurso, não cabe distância entre forma e conteúdo, mas o entrecruzamento da estrutura, do acontecimento e da tensão entre descrição e interpretação, com o objetivo de interpretar como a linguagem, em sua materialidade, afeta o sujeito pela ideologia e pela história.

Considerando esse estatuto do discurso, o presente artigo concebe a sequência discursiva “Em Maria, a palavra se fez carne” como um enunciado que comporta nuances relacionadas à opacidade da língua, do sujeito e da história.

Os aportes teóricos que dão base a essa abordagem centram-se na inter-relação dos estudos saussurianos com a releitura dos estudos de Freud, sob o olhar de Lacan, e na releitura de Marx, sob a visão de Althusser, trilogia – Saussure, Lacan e Althusser – que fundamenta o desenvolvimento do pensamento de Michel Pêcheux e de seus colaboradores durante a construção da Análise do Discurso na França a partir dos anos 60.

Da Linguística, com base nos estudos de Ferdinand de Saussure, foi fundamental a atenção dada ao objeto dessa ciência – a língua –, considerando sua opacidade e rejeitando de imediato a noção de transparência.

Da releitura da psicanálise freudiana, uma das grandes contribuições foi “o deslocamento da noção de homem para a de sujeito” (ORLANDI, 2005, p. 19) que se constitui pela relação com o simbólico. Assim, enquanto o conceito de “homem” ou de “indivíduo” implica o ser biológico, uno e indivisível, que “fabrica” a si próprio, o conceito de “sujeito”, em função da descoberta do inconsciente freudiano, provoca sua divisão e expõe a ferida narcísica: “o homem não é senhor em sua própria morada”, renegando a base do *cogito* cartesiano. A consciência não é mais o lugar da verdade, mas do engodo, do ocultamento, da distorção e da ilusão. Os lapsos de memória, conhecidos como atos falhos, assim como não ditos que significam, chistes, ou ainda, dizeres que emergem dos sonhos atestam esse fato. São manifestações do inconsciente que atuam no sujeito e em seu dizer. Tal descoberta de Freud possibilitou a Lacan mostrar que “o inconsciente é o discurso do outro” com consequências importantes nos estudos da AD.

Da releitura do materialismo histórico, realizada por Louis Althusser, surge a compreensão de ser o homem um sujeito que faz história. Mas essa história também não é transparente, mas resultante da produção de sentidos que se colocam na materialidade, sob a forma linguístico-histórica, sendo a história aqui compreendida como “uma disciplina de interpretação e não uma física de tipo novo” (PÊCHEUX, 2008, p. 42).

Assim, o quadro epistemológico a que se refere à AD está relacionado à linguística, na percepção dos processos sintáticos e enunciativos, ao materialismo histórico não-ortodoxo - reescrito por Althusser -, e à teoria do discurso, relacionada a uma semântica discursiva, perpassada pela psicanálise freudo-lacanianana, configurando a relação entre inconsciente e ideologia.

Para a AD, o sujeito é descentrado, afetado pelo real<sup>1</sup> da língua e da história, e não tem controle sobre a forma de como é interpelado pela ideologia e pelo inconsciente.

Em outras palavras, a AD está relacionada à linguagem em seus equívocos e, sobretudo, ao reconhecimento da materialidade e opacidade da língua, buscando desvelar o modo através do qual a ideologia e a história constituem o sujeito.

Orlandi, remetendo a Pêcheux, diz que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (2005, p. 17). Desse modo, não existe sentido sem interpretação da ideologia que se mostra na opacidade dos objetos simbólicos. A autora afirma que, “enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 2005, p. 48).

A linguagem coloca em relação sujeitos e sentidos, que são afetados pela língua e pela história. O processo de constituição dos sujeitos e produção dos sentidos é complexo em sua materialidade e exterioridade. Envolve a identificação dos sujeitos, que se materializa através das formas linguísticas ou pelos silêncios. Diz a autora:

Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode sempre ser outro, ou ainda que aquilo que é mais importante nunca se diz, todos esses modos de existir dos sentidos e do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é “fundante” (2007, p. 14).

Consequentemente, palavra e silêncio não são opostos, mas elementos que constituem o processo discursivo, relacionando-se às determinações históricas. A língua não pode ser vista como fechada em si mesma, sem falhas e equívocos. Seu aspecto semântico não é externo, mas relacionado às condições materiais de produção do discurso, onde se apresentam os processos semânticos discursivos. Portanto, “língua é assim condição de possibilidade do discurso” (ORLANDI, 2005, p. 22).

Segundo a autora, é fundamental destacar a atenção a ser dada às condições de produção do discurso, por ocasião das análises, que podem ser consideradas em sentido estrito e sentido amplo. Em sentido estrito, referem-se às circunstâncias da enunciação que estão relacionadas ao contexto imediato. Em sentido amplo, referem-se ao contexto sócio-histórico e ideológico, de onde partem os efeitos de sentidos, derivados da forma de organização social, onde é produzido o discurso.

Na AD, a memória é compreendida como interdiscurso, como aquilo que fala antes e em outro lugar. Também é denominada memória discursiva. É esse “o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra” (ORLANDI, 2005, p. 31). Desse modo, há uma relação entre interdiscurso e intradiscurso, sendo este último a superfície do dizer, ou seja, a formulação do discurso que se apresenta ao interlocutor pela língua. Então, todo dizer comporta uma aliança entre memória – interdiscurso – e formulação – intradiscurso – de onde provêm os sentidos.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito às formas de esquecimento estruturantes do discurso (cf. Pêcheux, 2009): o esquecimento número um e o esquecimento número dois. O primeiro relaciona-se ao inconsciente que se manifesta afetado pela ideologia e é conhecido também como esquecimento ideológico. Nele, há a ilusão do sujeito ser fonte e origem do dizer. No entanto, o que existe, na realidade, são retornos a sentidos pré-existentes, engendrados historicamente, e que funcionam como índices ideológicos.

---

<sup>1</sup> De acordo com Milner (1987), o real da língua se relaciona a impossibilidade de se dizer tudo.

O segundo esquecimento relaciona-se à enunciação, conhecido também como esquecimento enunciativo. É o dizer sobre algo, de uma maneira e não de outra. Nesse processo, formam-se famílias parafrásticas que apontam para a possibilidade de o dizer ser outro. Pêcheux refere que, nele, “todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase” (2009, p. 161). Nesse tipo de esquecimento, que é parcial e semiconscente há “uma relação ‘natural’ entre palavra e coisa” (ORLANDI, 2005, 35), onde a sintaxe relaciona-se ao sentido.

Todavia, os sentidos não existem por si, são determinados por posições ideológicas, que fazem parte do processo sócio-histórico, onde são produzidas as palavras. Ou seja, as palavras mudam de sentido, dependendo de posições ideológicas de quem as emprega.

É da compreensão desse processo que vem à AD a noção de Formação Discursiva (FD), isto é, o processo de produção dos sentidos, a relação com a ideologia e a regularidade do funcionamento do discurso. Segundo Pêcheux, a FD é “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (2009, p. 147). Entretanto, não deve ser vista como algo homogêneo, mas heterogêneo e contraditório, cujas fronteiras são fluidas.

Nesse contexto, dois conceitos são fundamentais: a paráfrase e a metáfora que devem ser entendidos de forma diferente como o são respectivamente na Linguística e na Literatura. Trata-se de pensar a paráfrase como fato de linguagem, mas também como procedimento analítico. Relacionada com as formações discursivas, constitui a base da noção de “deriva” que está ligada ao “efeito metafórico”, definido por Pêcheux (1969) como fato semântico que produz um deslizamento de sentido através de substituição contextual. Em outras palavras, a metáfora deve ser compreendida como transferência, ou seja, tomada de uma palavra por outra, estabelecendo o modo como as palavras significam.

As noções aqui apresentadas conduzirão a análise que, em síntese, deverá atentar para os seguintes aspectos relativos à abordagem de enunciados:

- 1) derivam de formações discursivas, mas considerados como “redes de memória” possuem aberturas e (re)configurações, não tendo fronteiras;
- 2) constituem-se em efeitos ideológicos, espaços em que se produzem os sentidos e os sujeitos;
- 3) são opacos e equívocos;
- 4) formam-se a partir não só da palavra como do silêncio;
- 5) consistem no lugar em que se pode observar a relação entre a materialidade e a exterioridade.

## 2. Metodologia

Para a elaboração deste artigo, inicialmente reuniram-se vários materiais relacionados ao acontecimento “Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará”: jornais, revistas, fotografias, panfletos, cartazes, CDs e outros. No entanto, centralizou-se a atenção no cartaz oficial desse acontecimento do ano de 2009, buscando marcas da relação entre sujeito, história e ideologia, a partir do ponto de encontro entre a atualidade e a memória.

Definidos os conceitos teóricos a serem trabalhados, deu-se lugar ao dispositivo analítico, ensejando a inter-relação do *corpus discursivo* “Em Maria, a palavra se fez carne” com outros discursos católicos ou não, ditos por outras vozes, em outros tempos e lugares, e que, de algum modo, tivessem ligação com a questão seguinte: que (e como) elementos da

memória discursiva, relacionados à fé e à devoção, ressoam no enunciado em questão, constituindo o sujeito religioso do Círio de Nazaré?

### 3. O acontecimento: a interpelação pela fé e devoção à Virgem de Nazaré

O Círio de Nossa Senhora de Nazaré no Pará acontece sempre no segundo domingo do mês de outubro, na cidade de Belém, capital do Estado. É uma procissão religiosa católica que percorre uma extensão de quatro quilômetros e meio de vias públicas urbanas. Nela, a imagem peregrina da Virgem de Nazaré, entalhada em madeira, com aproximadamente vinte e oito centímetros de altura, no interior de uma berlinda, é levada por milhões de fiéis, da Igreja da Sé, situada no bairro da Cidade Velha, até a Basílica-Santuário, localizada no bairro de Nazaré.

Outros milhares de olhares assistem à passagem da imagem pelos entrecruzamentos das ruas, e ainda há os que não podendo sair de casa, por motivo de saúde, ou por estarem internados nos hospitais, ou ainda, desempenhando atividades laborativas, assistem ao cortejo religioso *ao vivo* pelos canais locais de televisão, rádio ou internet.

O tráfego, no centro da cidade, é temporariamente modificado, com novas orientações aos condutores de veículos, pedestres, motociclistas e ciclistas, para garantir um melhor fluxo da população e das romarias rodoviária, fluvial, moto-rodoviária e trasladação que compõem o acontecimento.

A distribuição voluntária de água aos romeiros e/ou promesseiros para amenizar o calor provocado por temperaturas elevadas, durante as romarias e procissão, é uma prática comum da população em sinal de “pagamento” por graças alcançadas. Quando indagados sobre esse gesto, os sujeitos enunciam: “preciso pagar minha promessa!” O uso de “pagar” nesse enunciado, no contexto em pauta, produz o efeito de curvar-se diante de um imperativo superior e divino. Há um temor de castigo, caso não seja cumprido o prometido diante de uma graça (benefício) recebida.

O acontecimento do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, visto pelos católicos como uma manifestação de fé, é percebido também como o “natal dos paraenses”. Mobiliza toda a sociedade, pessoas comuns, do povo, artistas, políticos, empresários e autoridades institucionais, ou seja, reúne em massa, no centro da cidade, um número significativo de católicos para louvar, pedir e/ou agradecer<sup>2</sup> à Virgem de Nazaré. Ninguém escapa desse arrebatamento.

Dom Orani João Tempesta, arcebispo de Belém, durante o acontecimento em 2009, em entrevista ao Jornal “Voz de Nazaré”, ao ser indagado sobre o tema “Em Maria, a palavra se fez carne”, referiu que “é justamente o que celebramos no Natal. A Palavra, o Verbo que se fez carne em Maria, nascendo entre nós, estando entre nós. E o seu nascimento, a vinda do Verbo, é o que celebramos que é Natal, a chegada Dele entre nós”.

Esse discurso legitimador da ideologia cristã mobiliza a fé e a devoção dos católicos e situa-os num tempo de data fixa do calendário e lugar - Belém do Pará -, e relaciona os termos “círio” e “natal”. Essa fixidez espaço-temporal exprime a tentativa de capturar a temporalidade, fazendo surgir um sentido transcendente, e a relação entre círio e natal intensifica esse efeito. O imaginário religioso que cria um espaço e tempo sagrados e a

---

<sup>2</sup> Por “graças” alcançadas, como por exemplo, aquisição da casa própria, emprego, união de casais, cura de doenças e outras.

referência ao Natal, maior festa da cristandade, oferecem-se então ao sujeito como espaço identificador e comunitário através da figura de Maria<sup>3</sup>.

Na época, a cidade recebe pessoas vindas do interior e de outros estados brasileiros, além de turistas de vários países. De acordo com *A Coluna de Ana Carolina* (jornal Diário do Pará, caderno Top, p. 5, de 11.10.09), estima-se que durante o acontecimento, a população da capital do estado cresça em pelo menos dez por cento, o que corresponde ao aumento de cento e quarenta e três mil e setecentos e sessenta pessoas, considerando a população estimada em 2009 de um milhão e quatrocentos e trinta e sete mil e seiscentos habitantes (IBGE). Também se fazem presentes, pesquisadores de várias áreas do conhecimento, como linguística, artes, sociologia, filosofia, história, política, psicologia, economia e outros, para desenvolvimento de pesquisas acadêmicas com foco na procissão, nas romarias, nos relatos de milagres, nos pagamentos de promessas, no “Círio musical”, nas representações gráficas, na exposição de brinquedos populares de miriti e em outros fatos ligados ao acontecimento religioso.

Nos dias que antecedem a procissão, a população paraense residente em Belém, prepara suas casas com novas pinturas e decorações. Após a procissão, abrem as portas para receberem convidados e familiares para o “almoço do Círio”, que corresponde à ceia natalina de dezembro. É um momento de confraternização em que, em torno de mesa farta, composta de pratos regionais, como “pato no tucupi”, maniçoba, vatapá, caruru, “tira-gostos” – petiscos - e outros sabores, festejam a fé na Virgem de Nazaré.

As comemorações, que integram o acontecimento, envolvem mostras de arte e cultura, com intensa movimentação nas repartições públicas, para prestar homenagem à Santa na forma de missas, mini-romarias internas e oferecimento de almoço aos funcionários. A população fica mais emotiva, sobretudo, sensível em relação às questões sociais, predispondo-se a atitudes de ajuda aos carentes de bens materiais e espirituais, principalmente durante as peregrinações realizadas nos bairros e coordenadas pelas comunidades.

Devotos mais jovens da Virgem de Nazaré costumam chamá-la carinhosamente de “Santinha”, “Nazica” ou “Nazinha”, na tentativa de aproximá-la do plano terreno, incluindo-a assim na produção dos discursos ordinários. Essa passagem do discurso religioso para o discurso ordinário pode estar trabalhando no sentido de manutenção da ideologia cristã, na medida em que, tentando suprimir a distância entre o sagrado e o profano e reforçando a emotividade materializada no uso dos diminutivos, busca impedir uma possível resistência por parte dos jovens.

Essa fluidez da fronteira entre o sagrado e o profano, malgrado as ações que têm por proposição marcar o campo do sagrado, evidencia-se ainda de forma mais impactante na expressão teatral “Auto do Círio” e na “Festa da Chiquita”, sendo essa última, uma homenagem à Virgem pela comunidade GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transexuais) em praça pública. Também no arraial, ao lado da Basílica-Santuário, onde acontecem missas e novenas, é instalado um parque de diversões e barracas que comercializam, além de comidas típicas, bebidas alcoólicas.

Dessa forma, os discursos sobre o Círio geralmente oscilam entre os dois campos: profano e sagrado. Outro exemplo poderia ser *A Coluna de Ana Carolina* (jornal Diário do Pará, Caderno Top, p. 5, de 11.10.09), em que o tema “Em Maria a palavra se fez carne” teve por sequência o dizer: “Pensem nisso. O resto do pato a gente deixa pr’amanhã. Dizem que no

---

<sup>3</sup> Esse fato socioreligioso é reproduzido em várias cidades do Brasil, ao mesmo tempo, ou em outros momentos distintos, mas sempre em torno da fé e sob o mesmo discurso, definido pela Igreja Católica no Pará, que é repetido continuamente num dizer coletivo, marcando uma interpelação histórica e ideológica, que visa à conversão cristã católica.

dia seguinte, é muito mais gostoso. Descola o jornal cedinho, senão...” Isso, opera um deslocamento do espaço discursivo religioso para o mundano, provocando um novo efeito de sentido. Os enunciados que seguem o religioso mantêm certa contiguidade, poder-se-ia dizer, linguístico-semântica, mas não semântico-discursiva<sup>4</sup>.

Considerados aspectos ligados à produção do acontecimento “Círio de Nossa Senhora de Nazaré”, passa-se à análise, buscando “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e de sua história” (ORLANDI, 2005, p. 15). Ou seja, relacionar a linguagem à exterioridade do dizer, a partir das condições de produção desse dizer, que marcam a ideologia e a história enquanto constitutivas do sujeito.

#### 4. Análise

Inicialmente, coloca-se que o enunciado “Em Maria, a palavra se fez carne” possui relação com o discurso bíblico contido no cap. 1, vers. 14, segundo João, no Novo Testamento das Escrituras Sagradas: “E o verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”. A estratégia discursiva do enunciado do Círio de Nazaré, ao retomar o enunciado bíblico, funda-se na historicidade do dizer católico, objetivando reunir todos em torno da Virgem Maria como Mãe do Verbo Encarnado.

De acordo com Duarte Júnior (1990), a Igreja Católica, em busca de novos adeptos, trabalha com dois aspectos fundamentais: forte grau de emoção e isolamento temporário de iniciados em claustros, conventos, retiros e “cursilhos”. Isso remete ao fato da conversão, da propagação da “boa nova”, da mesma orientação ideológica religiosa ocorrida no início do Cristianismo, mobilizada pela linguagem, onde a carga emocional se dá pela enunciação, envolvendo fenômenos de mistério, relacionados à fé e devoção.

Para Chauí, o surgimento do Cristianismo tem suas raízes na religião judaica, diferindo-se dessa pela ideia de evangelização, dada a firmeza do propósito “de espalhar a “boa nova” para o mundo inteiro, a fim de converter os não-cristãos e tornar-se uma religião universal” (1997, p. 222).

Nesta análise, propõe-se, como objeto de estudo, o Discurso Religioso Católico (DRC), “Em Maria, a palavra se fez carne”, enunciado proveniente do interior da formação ideológica católica e relacionado ao “Círio de Nossa Senhora de Nazaré” no ano de 2009. Foi extraído do cartaz oficial, que mede 46x64 centímetros (vide anexo), e que, a cada atualização do acontecimento, é o primeiro documento impresso, aguardado ansiosamente pelos católicos no Estado. É assinado pela diretoria da festa que fala pela Igreja Católica. De ampla divulgação na mídia tem, como um de seus objetivos, socializar o tema. É ele que orienta todos os outros discursos relacionados ao acontecimento, enquadrando-se, pois, no mecanismo da antecipação, ao mesmo tempo em que se origina, em termos do domínio de memória, ao discurso bíblico. Fundado e fundador, o enunciado trabalha a imagem que os fiéis têm do Círio como objeto simbólico relacionado ao religioso, estruturando-se intra e interdiscursivamente de acordo com os pressupostos da FD católica. Tomado como bíblico, o enunciado adquire um poder maior de provocar a adesão dos sujeitos.

Cabe dizer que a Igreja Católica constitui-se, de acordo Althusser (1985), num dos aparelhos ideológicos de estado, com seus representantes clericais situados numa estrutura hierárquica que vai do Papa ao pároco da Basílica-Santuário, incluindo-se, no caso, o

---

<sup>4</sup> O uso do item lexical “pato” constitui-se no ingrediente principal do prato servido no almoço do Círio.

conjunto de leigos da arquidiocese que seguem os dogmas de fé e de devoção católicas. Fazem também parte desse contexto todos os elementos da cenografia mobilizadas no cartaz e que, juntamente com as palavras, definem o cenário da epifania. Os efeitos de sentido decorrem, portanto, não só das palavras e dos elementos imagéticos do cartaz, mas de sua relação com a exterioridade, entendida como historicidade veiculada a FD católica, e das condições de produção aqui referidas.

O cartaz do ano de 2009 traz a memória dos sentidos dos discursos do início do Cristianismo. Nele, foi inscrita a imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré, usando um manto bordado com miçangas, vidrilhos e strass estrangeiros, pedras de ametista e acabamento em fios dourados e prateados. Situa-se no centro da cenografia, pretendendo oferecer beleza e esplendor a quem o contempla, mas principalmente definir o lugar importante a ser dado pelos católicos à Mãe do Verbo Encarnado. Ela deve ser o centro da devoção cristã. A composição do cartaz atende ao discurso religioso católico de que “ninguém chega ao Filho, sem o intermédio da Mãe”.

Ao fundo, percebe-se a cromatografia religiosa que foi mobilizada pelas cores originais das paredes, arcos e forro do interior da Basílica-Santuário, permitindo perceber a suntuosidade da igreja. Os detalhes em madeira de lei – cedro – trabalham o sentido de fortaleza da fé, indo do marrom ao amarelo-ouro, e, ao demonstrar uma luminosidade, expõe a glória e a riqueza da Igreja Católica que remonta o período histórico medieval.

Logo abaixo, na cor verde, normalmente considerada símbolo da esperança, e, em tons degradé que vai do verde para o branco, símbolo da pureza de Maria, mostra-se uma pétala da flor lírio, de onde desabrocha a Imagem. Há uma relação da cenografia com o enunciado discursivo do hino à Virgem de Nazaré: “Vós sois o lírio mimoso/ do mais suave perfume/ que ao lado do Santo esposo/ a castidade resume”.

Na base do cartaz, observa-se a imagem frontal da Basílica-Santuário e as inscrições “Círio de Nossa Senhora de Nazaré”, “2009: 100 anos da Basílica-Santuário” e o tema: “Em Maria, a palavra se fez carne”, que constitui o *corpus discursivo*, objeto de análise deste estudo. Ainda nesse espaço discursivo, é interessante observar que a imagem da Maria se destaca em primeiro plano, garantindo o primeiro foco de visão, e que toda a cenografia foi estruturada em perspectiva de visão de baixo para cima, sugerindo o sentido de elevação e magnitude da soberania da Virgem. O cenário remete à posição de submissão dos sujeitos diante da religião.

O enunciado em pauta funciona como um discurso “colado” ao acontecimento e como uma paráfrase do discurso bíblico “E o verbo se fez carne, e habitou entre nós...”. Nele, a Igreja Católica faz um movimento de retorno, historicizando o dizer através da mobilização do fenômeno da “encarnação”: o filho de Deus assume a forma humana.

Os evangélicos, por sua vez, que professam a fé protestante, defendem o ponto de vista de que, no discurso bíblico, não há qualquer referência à Maria e que ela seria uma mulher como outra qualquer, não lhe cabendo lugar de destaque no Cristianismo. Considerada apenas coadjuvante no cenário da Encarnação do Verbo pelos protestantes, e não símbolo importante na fé e devoção cristã, a figura de Maria não possuiria caráter divino. Apenas teria dado à luz o filho de Deus. Essa noção remete a um dos elementos de tensão entre o discurso do catolicismo e o do protestantismo.

Para se contrapor a essa noção, a Igreja Católica tem produzido diversos discursos visando à preservação da imagem de Maria como serva e mãe de Jesus. Prova disso é que, mesmo Maria não fazendo parte da Santíssima Trindade – Pai, Filho e Espírito Santo –, a Igreja Católica encontrou outra solução para inseri-la nesse universo simbólico, ao referir a Sagrada Família – Jesus, Maria e José –, dando-lhe lugar de destaque e valor na fé cristã. Na tríade da Sagrada Família, ela hierarquicamente segue o nome de Jesus e antecede o de José.

Maria é sinalizada como a mãe do filho do Sujeito que, pelo poder do Espírito Santo, trouxe ao mundo, para convívio entre os homens, a Palavra Encarnada. Portanto, é digna de fé e devoção. DRC tem então, no curso da memória, sentidos já ditos que advêm do discurso bíblico e que reverberam nas formulações que caracterizam a FD católica.

Isso justifica a sua posição proeminente no enunciado “Em Maria, a palavra se fez carne”. Na realidade, o enunciado retoma quase integralmente o enunciado bíblico “E o verbo se fez carne”, anexando a ele um elemento adverbial que, longe de se constituir em elemento gramatical dispensável, assume em importância, dadas as condições de produção históricas. Tem-se também a substituição do vocábulo “verbo”, pertencente à linguagem canônica, por “palavra”, termo de uso ordinário do sentido. Constitui-se num processo metafórico, cujo elemento substituinte faculta uma união dos fiéis com os preceitos da Igreja. O primeiro provoca distanciamento, o segundo, aproximação.

Além disso, de sua materialidade léxico-sintática emerge uma série de relações associativas implícitas, paráfrases, que funcionam em diferentes registros de discursos. A expressão “Em Maria”, iniciada pela preposição *em*, indica o sentido de valoração da mãe junto ao filho, que em DRC é designado como “a palavra que se fez carne”. A preposição orienta para um sentido de lugar, remetendo à noção de que Maria foi escolhida por Deus para ser mãe de Jesus, e somente ela, símbolo da pureza, poderia dar luz ao seu único filho.

Outra paráfrase possível do enunciado em questão seria: “Jesus Cristo nasceu de Maria”, em linguagem direta e inteligível a qualquer sujeito. Todavia, a Igreja Católica preferiu divinizar Maria, provocando um apagamento da sua condição humana e de mulher. As palavras que integram o discurso, trazidas pela língua e pela história, estão relacionadas à ideologia. Assim, o sujeito, em determinadas condições de produção, não tem controle sobre os sentidos que se constituem nele. As paráfrases citadas até aqui e todas as outras que possam surgir, no caso, remetem ao mesmo fato e derivam de posições-sujeito diferenciadas e, portanto, provocam diferentes efeitos de sentido.

Longe de uma visão estática e anacrônica da história, os acontecimentos católicos são dinâmicos e sugerem interpretações que trazem ao lume a (re)invenção de seus processos discursivos, decorrentes da interpelação dos sujeitos pela religião. Percebe-se uma reorganização em DRC, baseada no discurso bíblico, que provoca modificações, mas superficiais, sempre com vistas à conversão de sujeitos para o Cristianismo.

De acordo com Duarte Junior,

Até o advento da modernidade as escrituras sagradas tinham para o homem o caráter de lei na interpretação das verdades do mundo (...) e a realidade se dava de acordo com os textos sagrados, e qualquer desvio não era outra coisa senão heresia (1990, p. 90).

Na atualidade, o discurso católico continua a prescrever valores e condutas dos sujeitos, no mundo material presente, para o alcance da promessa de vida plena no reino do céu, tal qual prescrevia a doutrina cristã no início do Cristianismo. As convicções religiosas dos sujeitos, constituídas no universo simbólico, são instauradas pelos discursos que tomam forma na linguagem e são movidas por posições, por natureza, ideológicas.

### Considerações finais

No espaço da AD, o sujeito é constituído pelo simbólico, e a interpretação do discurso fundamenta-se na relação a ser estabelecida entre linguagem e ideologia. Isso significa dizer

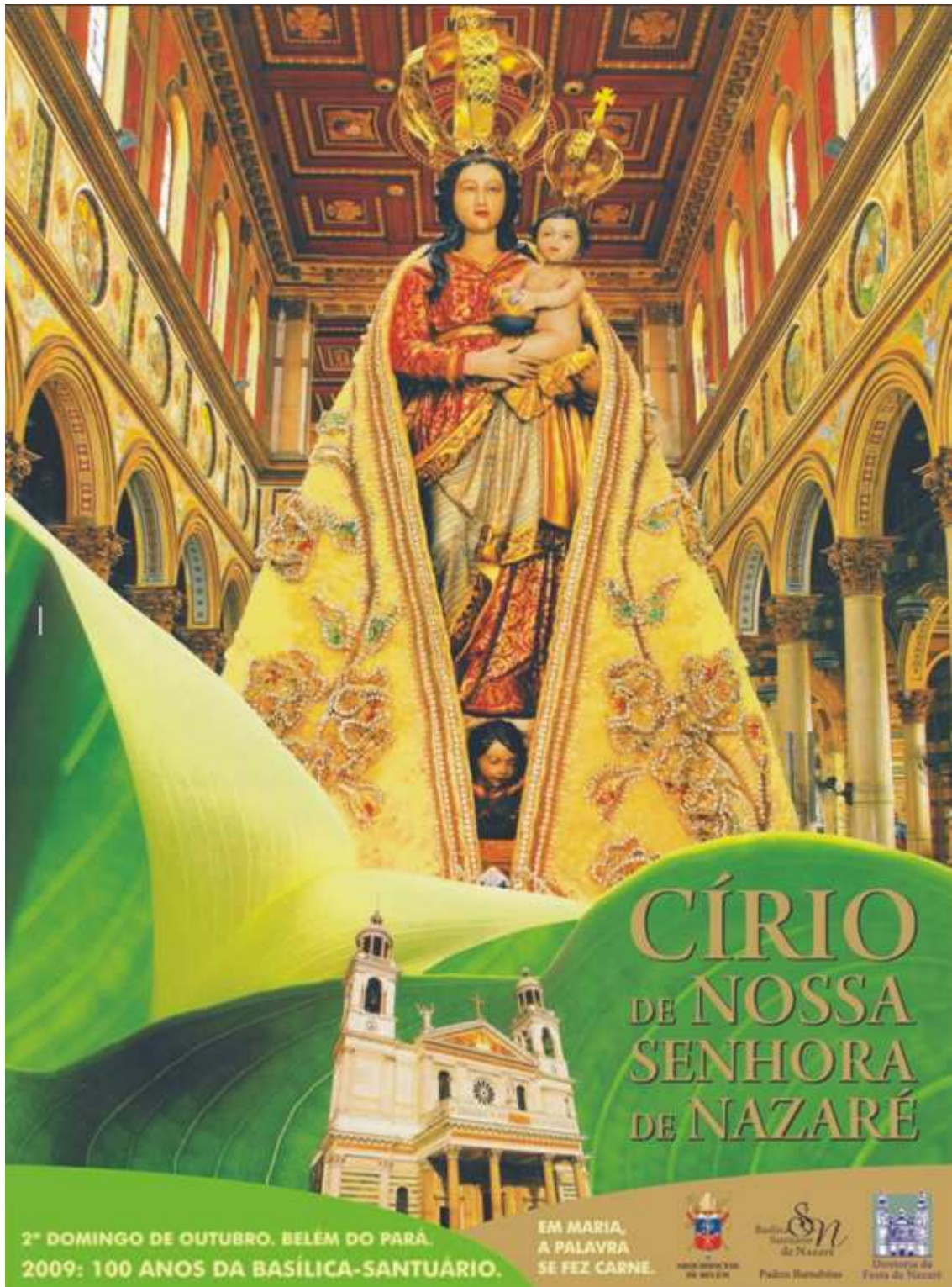
que a língua deve ser vista como materialidade que possibilita acessar a já-ditos e a ideologia, como o lugar em que se engendram os sentidos.

Os discursos religiosos atuais legitimam pré-construídos, demonstrando que os sentidos sempre estão lá, sujeitos à interpretação. É o que ocorre no universo simbólico do Discurso Católico.

Longe da noção de um discurso transparente e ingênuo, DRC produz um efeito derivado de processos parafrásticos, que mantêm na sua materialidade discursiva - embora utilize novas formas -, sentidos advindos de discursos produzidos pela igreja, presentes na memória discursiva dos sujeitos.

O trabalho procurou mostrar que o discurso religioso de fé e devoção encontra sua força de mobilização da sociedade, através de suas formas discursivas. Com base em Chauí, (2010), pode-se dizer que os efeitos da ordenação dessas formas afastam o medo, promovem a esperança e trabalham o imaginário do sujeito no sentido de fazê-lo acreditar na existência de uma vontade onipotente que cria e governa todas as coisas, segundo desígnios impossíveis de serem alcançados pela razão humana. Com isso, renuncia à razão como capacidade para conhecer a realidade e espera da religião a explicação e a superação de seus males.

Anexo: Cartaz do Círio de Nossa Senhora de Nazaré do ano de 2009



## Referências

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado*. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro: introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Difusão Cultural do Livro Ltda.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 6ª ed., São Paulo: Editora Ática, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O retorno do teológico-político*. <http://www.ces.uc.pt>, acessado em 14.08.2010.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. *O que é realidade*. Coleção primeiros passos, 7ª ed., São Paulo: editora brasiliense, 1990.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux Hoje*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MAZIÈRE, F. *A análise do discurso: história e práticas*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MEDNICOFF, E. *Dossiê Freud*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- MILNER, J. C. O amor da língua. Tradução Angela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6ª ed., Campinas: Pontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª ed., Campinas: editora da Unicamp, 2007.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al., 4ª ed., Campinas: editora da Unicamp, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. Orlandi. 5ª ed., Campinas: Pontes Editores, 2008.